

11.06.2026 – DISCURSO FLORISVALDO MATTOS

Dentro da tradição quase teatral de sessões em homenagem a um personagem, cujo trânsito vital, por um ou mais motivos, a justifica, ocorrem falas em que a ênfase traduz todo o significado deste prestigioso ato.

Fugindo deste sucesso verbal, resolvi ser menos formalista, optando por uma elocução confessional, distante de saberes vagos.

E assim começo, pelo dever de agradecimento, merecido e sincero, ao ilustre deputado Adolfo Menezes, por esta prestigiosa cerimônia de entrega da Comenda Dois de Julho, a mais alta honraria conferida pela Assembleia Legislativa da Bahia, que muito me honra; mas vislumbro nesse gesto ressonâncias de sua elevada influência, para a edição de meu volumoso livro intitulado “Academia dos Rebeldes e outros exercícios redacionais”, pela ALBA Cultural, sob comando do jornalista Paulo Bina, cujo lançamento festivo ocorreu, com sua venerável presença, em abril de 2023, no Museu de Arte da Bahia. Muito obrigado, meu ilustre parlamentar, por tão faustosas deferências.

Assumindo novo percurso desta elocução, como jornalista veterano, reporto-me a cotidiano episódio, ocorrido durante uma entrevista, para um mais que centenário jornal, concedida a um jovem, mas já experiente jornalista, sobre o lançamento de novo livro, quando me vi surpreendido com esta pergunta: “O que o faz tão ativo aos 94 anos de idade?”

Para ser franco, esta súbita elocução não me assustou, pelo tanto que tenho ouvido de vozes condescendentes. Por isso, logo respondi:

- Nasci no interior da região cacaujeira, sob verdejantes frondes de roças de cacau e sobre chão grandemente fértil de folhas secas; transitei por campinas e cavalguei por estradas com ladeiras de barro vermelho; nadei em rios, bebi água fresca de riachos, pesquei piabas; atravessei matas, cacei sariguês, subi em árvores, colhi frutos, vivi em vilas e cidades, onde cursei o primário e o ginásial.

Por isso, não poderia me afastar de momentos inaugurais, que envolveram minha infância e parte da adolescência, volvendo-me a um lugar chamado Barro Vermelho, onde meu pai mantinha um armazém de secos e molhados, frequentado por peões e administradores de fazendas, de onde seguramente emergiram os meus pendores para o épico e o lírico de matriz fortemente rural, que adubaram as minhas primeiras aventuras redacionais. De lá, parti de trem de ferro para Água Preta, então distrito de Ilhéus, hoje Uruçuca, onde vivi dos quatro aos doze anos, sob os cuidados de uma amorosa e singela tia para na maturidade revivê-los neste soneto:

RUÍDOS NA NOITE

Súbito um ruído: em madrugada fria,
Vozes arrastam sacos transitando.
Zonzo, acordo, na rede em que dormia,
Lá fora, a noite, mas ninguém passando.

Pela casa só via gente andando.
Ainda na escuridão, já vindo o dia,
alguém com um saco de caroços pando,
e eu sem decifrar o que acontecia.

Sei agora. Essa de cacau trazer
Em tropa de burros para Água Preta
É coisa que não dá para entender.
Melhor nem perguntar, parece treta.

Quando, apitando, aponta o trem-de-carga
E para na estação da rua larga.

Daí, na falta de curso ginásial, mudei-me para Itabuna, terra fadada a abarrotar de prazeres e sonhos a juventude, além da riqueza que os cacauais lhe propiciavam. Induzido pelas aulas ministradas por zelosos professores de Português, Latim e História, do Ginásio da Divina Providência, acabei por desembocar na foz da poesia, lendo poemas românticos, de Casemiro de Abreu, Castro Alves e Fagundes Varela e, em seguida, depois pelos versos parnasianos de Olavo Bilac, Raimundo Correia e B. Lopes.

Invoco a poesia, para lembrar outro momento, que muito contribuiu em minha postura de poeta, levando-me a abandonar as vias cansativas do passadismo e penetrando no universo arrebatador do Modernismo. Foi quando, estudante do Colégio Municipal de Ilhéus, em plena adolescência, conheci o poeta Sosígenes Costa, nome altamente consagrado, apesar de estar já com 50 anos de idade, permanecia totalmente inédito em livro. Na ocasião, Sosígenes ocupava o cargo de secretário da Associação Comercial de Ilhéus. Assim, passei a visitá-lo, em seu gabinete, ao menos uma vez por semana, geralmente à tarde, ouvindo relatos, que mereciam ser guardados. Sempre cortês, no clima da conversa, de quando em vez, esse ilustre interlocutor abaixava-se, abria uma gaveta de sua escrivaninha e de lá tirava maços de papel amarelecido ou gasta datilografia, alguns em manuscrito, e lia belos sonetos ainda àquela altura inteiramente inéditos.

Embevecido, com o que ele me facultava ouvir e ler, sempre saía desses encontros na certeza de que ali recebera lições, que me indicavam um rumo literário, a seguir: o da total e convicta adesão à estética do modernismo. Como que agradecido do que me ensinara, anos depois, dediquei-lhe este soneto lavrado no rastro impressionista de muitos dos seus. Vai aí. “Tarde de Agosto”:

Ao ver escoar-se o tempo fico olhando
solidão de moringos na janela.
Na casa, os utensílios gritam quando
entra o vento da tarde sob aquela

túnica de perfumes, espalhando
no chão de agosto folhas de aquarela;
já pelo espaço úmido o sol revela
afinidades com verão normando.

Aves adotam poses de cegonha
sobre muros pintados de cinzento.
A hora respira infância; o tempo sonha.

Ajustada à matéria dos domingos,
a visão recompensa o pensamento
de retorno à janela de moringos.

A esta altura, não poderia olvidar a moldura folclórica da minha chegada a Salvador, vindo de Itabuna, de ônibus, às 21 horas, de uma Segunda-feira Gorda de Carnaval, parar no alto da Ladeira da Montanha, o ponto final, e atravessar a Praça Castro Alves, em pleno desfile de cordões e batucadas, e ainda com uma jamais imaginada novidade: a fobica de Dodô & Osmar, com cantos e sons de guitarra elétrica, defronte do Teatro Carlos Gomes. Fiquei embasbacado, mas, décadas depois, tive a sorte, de evocar este momento num poema, com o título de “Tempos de Arlequim” (1996), lavrado em decassílabos, assim começava:

Salvador é Carnaval. Quando cheguei,
Em noite de Segunda-Feira Gorda,
As cores da cidade feiticeira
E os meus olhos na praça fumegavam.
(...)
Havia corso e blocos veteranos
(Nomes claros que hoje fazem sonhar).
Sobem os Inocentes em Progresso,
Descem os Mercadores de Bagdá.

E desaguava, no último quarteto:

Súbito são morenas de um cordão;
Arlequim invasor da madrugada
Agarra-se à cintura de uma delas
E sobe a praça rumo à Sé que ferve.

A esta altura, não posso negar, embora pareça apenas uma suposição, mas foi de novo a poesia que, em muito, me favoreceu. Recordo um episódio, com moldura exótica, senão cômica, que me lançaria na caudal de sonhos e aspirações da Geração Mapa, agora envolvendo a figura de Glauber Rocha, seu guru. Estudante de Direito, certa manhã, num intervalo das aulas, estava eu sentado num dos bancos do hall da faculdade, quando o porteiro veio me avisar que estava na portaria um grupo de jovens, querendo falar comigo. Eu acabara de publicar no nº 11, da revista Ângulos, o poema intitulado “Composição de ferrovia”, quase uma ode telúrica à mítica E. F. I. (Estrada de Ferro de Ilhéus, hoje extinta), que ajudou a desenvolver e civilizar a Região do Cacau. Saio para atender e me deparo com quatro rostos quase imberbes. Logo, um deles me saúda enfático e declara: “Vimos aqui para conhecer o autor do poema ‘Composição de Ferrovia’, para nós o melhor poeta modernista da Bahia”, mas, entre desconfiado e incrédulo, agradei o cômico elogio. Nome do porta-voz: Glauber Rocha, os outros eram Paulo Gil Soares, Calasans Neto e Fernando Rocha.

Hoje, me pergunto que versos deste poema teriam levado Glauber a divisar no seu autor indícios de “melhor poeta modernista da Bahia”. Terão sido estes da estrofe que o abria?

Sobre campos de sol fotografados de fome
de manhã surpreendo-me entre maquinistas,
guarda-freios, foguistas, agulheiros
colecionam tristezas numa ferrovia.

Algum tempo depois, recebi o convite para compor a equipe de redação inaugural do “Jornal da Bahia”, cuja primeira edição chegaria ao público, no dia mesmo inaugural da Primavera, e aí, após as edições de número Zero, num gesto espontâneo, tomei a decisão pela carreira de jornalista,

que iria exercer por quase 53 anos, de julho de 1958 a fevereiro de 2011, em sua maior parte, ocupando cargos, desde repórter a editor-chefe, em redações de vários jornais. Por esse tempo e mais, publiquei livros, conjugando poemas épicos e líricos, com outros, de ensaios literários e ciências humanas, num total de 19 obras editadas e lançadas.

A esta altura, não posso omitir o tempo que passei como estrepante no “Jornal da Bahia” como integrante de sua redação inaugural, remontando ao muito que muito me acrescentou, especialmente advindo de seu chefe de Reportagem, Ariovaldo Matos, não apenas como jornalista, mas já então bastante aclamado, como autor de obras de ficção. Começo por uma pauta, que certo dia dele recebi, no propósito de cobrir uma invasão ocorrida na região de Itapuã ao aeroporto, que depois se tornaria bairro com o nome de Nova Brasília. De paletó e gravata, peguei um ônibus com destino ao Aeroporto. Chegando ao local da invasão, cumpro as recomendações, entrevistando invasores e reunindo o que mais fosse necessário, para composição da reportagem. Em seguida, tomei um ônibus e marchei para a redação do jornal. Em lá chegando, comecei a escrever, na máquina Remington, optando por uma prosa que liricamente realçava a beleza dos coqueirais, a brancura das dunas onde o madeirame se assentava, cobrindo de encantos a paisagem, que rodeavam a incipiente invasão, repetindo a velha fórmula do “nariz de cera”, exercitada pelos redatores da época.

Sentado, de repente, vejo um vulto a meu lado, observando o que eu redigia e me perguntando: “O que você escreve aí?”. Era justamente o nosso já afamado chefe-de-reportagem, que me mandou levantar, sentou-se, digitou umas poucas linhas e levantou-se. “É assim que se começa uma reportagem”, disse e se foi. Li o que escrevera, meditei e me inteirei do que doravante deveria seguir, em matéria de técnica redacional, nada menos do que pregava o novo jornalismo norte-americano, lançando a fórmula da “pirâmide invertida”, na qual se estabelecia uma ordem decrescente de importância do fato narrado.

Segui em frente no rastro do legítimo e moderno jornalismo, mas, em face das lições, que do meu chefe recebi, décadas depois, resolvi redigir a ele, que aqui vai na forma de um soneto petrarquiano:

ARIOVALDO MATOS

In memoriam

Nem (abra-se o caderno do passado)
se fôssemos parentes saberias
o que me guardava a mente a teu lado
pelo correr das noites e dos dias,

Quando, sôfrego, à máquina escrevias
páginas de um jornal – ou quase um brado
que ia e voltava a teu convívio, alado
tropel sobre impassíveis geografias.

Como decifrador de calendários,
a batalha dos signos açulava-
te a matilha de ventos operários.

Eras real, um homem verdadeiro.
Mais não pude guardar, se o que eu sonhava
era ser aprendiz de feiticeiro.

Há dois momentos, que contribuíram muito para meus supostos avanços profissionais: primeiro, o de ter sido selecionado para cumprir um estágio na redação do “Jornal do Brasil”, do Rio de Janeiro, à época reconhecido como o meio impresso de mais avançado conteúdo editorial e gráfico do país, de onde parti contratado como seu correspondente, função que evoluiria para o cargo de chefe de sua Sucursal, na Bahia, aí convivendo com jornalistas do porte de Vitor Hugo Soares, Paolo Marconi, Roberto Gonçalves, Raimundo Lima, Nadya Argolo e outros grandiosos profissionais, e também com Paulo Marques, na publicidade.

Também, não posso omitir o meu ingresso na UFBA, a convite do hoje saudoso jornalista Jorge Calmon, magno redator-chefe de A Tarde, para integrar o quadro de professores da Faculdade de Comunicação, onde atuei por 32 anos, de 1962 a 1994. Anos depois, como conceituado redator-chefe, ele próprio me contratou como editor do expressivo caderno A Tarde Cultural, hoje extinto, mas que foi, por quase vinte anos de circulação, um marco da divulgação cultural na Bahia, merecendo o prêmio de melhor do país, atribuído pela IPCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), em 1995.

Não posso negar que foi, justamente, o sucesso de A Tarde Cultural, que me permitiu ser eleito, como candidato único, para assumir a Cadeira nº 31, da centenária Academia de Letras da Bahia, que ocupei em 1995, por indicação de prestigiosos acadêmicos, como Waldir Freitas Oliveira, José Calasans e Edivaldo Boaventura. Foi um prêmio, sim, pois lá passei a conviver ilustres confrades e confreiras, entre os quais vários que exerceram sua presidência, como Cláudio Veiga, Edivaldo Boaventura, Aramis Ribeiro Costa, Evelina Hoisel, Joaci Góes, Ordep Serra e, atualmente, o também dinâmico Aleilton Fonseca, não só nas suas tradicionais sessões das quintas-feiras, como em outros momentos de sua substancial programação, cultural e editorial, concedendo-me a honra de ter obras publicadas, dentro de prestigioso convênio com a Assembleia Legislativa da Bahia.

Lá, também, tive e continuo tendo a honra de ser colega de companheiros da Geração Mapa, como Fernando da Rocha Peres, sua divina consorte Urânia Tourinho Peres e dos hoje saudosos Myriam Fraga e João Carlos Teixeira Gomes, como também de muitos outros, confrades e confrades.

E como se deu minha caminhada pelas sendas da literatura e da poesia? Suponho ter sido a forte energia da Geração Mapa, quando as ânsias criativas alguns de seus integrantes irromperam, impelindo as suas vocações, com os primeiros livros editados pela Edições Macunaíma, da autoria dos poetas Fred Souza Castro, Fernando da Rocha Peres e Carlos Anyisio Melhor, que publicaram seus primeiros livros. Para tanto, era preciso que surgisse uma alma benigna, que abrisse o caminho, o que se efetivou na digna pessoa de Zittelmann de Oliva, que, admirando o arroubo criativo daqueles jovens, prestigiou-os com a edição de livros de poesia pela Artes Gráficas, empresa pertencente a sua família, e acabei sendo um dos por ele premiado, com a edição de minha primeira aventura poética, intitulada “Reverdor”, em 1965, que mereceu de Jorge Amado, presente no lançamento, dias depois, elogiosa apresentação em sessão da Academia Brasileira de Letras, como também a que se seguiu, “Fábula civil”, ambas ilustradas com gravuras de Calasans Neto.

Quanto a mim, a minha bibliografia conta hoje com 19 edições, sendo 15 de poesia e quatro de ensaios, com a que está programada para ser lançada hoje, em complemento a esta altíssima cerimônia, de que sou beneficiário.

Não podia encerrar, apesar da idade, esquecendo os amigos, de gerações mais recentes que a minha, mas que sempre me dão atenção e apoio, em convivência sempre enriquecedora, cercando-me de afetos, e, por isso, merecem que, neste momento os cite, elevando-os, a começar pelo poeta Ruy Espinheira Filho, amigo pessoal, que considero o nosso maior lírico, Walter Queiroz Júnior, Durval Burgos e Fábio Paes, músicos, cantores e altos compositores, que muito me reverenciam com sua arte, o ficcionista Paulo Martins, o poeta Luiz Antonio Cajazeira Ramos, o poeta e editor digital Carlos Machado, o escritor e poeta Carlos Barbosa, o poeta Uaçáí Lopes e o desenhista Valtério Sales, os advogados Carlos Barral e Fernando Santana, ex-colegas de jornal, como Emiliano José, Helington Rangel, Nestor Mendes Junior, Levi Vasconcelos, Paulo Leandro, Jary Cardosos publicitários Paulo Marques de Faria e João Paulo Cruz. Agora, os médicos que cuidam de minha saúde: o urologista Carlos César de Castro Morais e o cardiologista Marcus Andrade. Perdoem-me, se houve alguma omissão.

E, por último, para o meu amor, Vera:

DA NOITE PARA O DIA

Acordo e contemplo o horizonte, tenso.
Vem do fundo do céu a luz da aurora.
Entre aflições, desperto e penso
No que foi bom do que vivi outrora.

Homem, sob este céu, alma perdida
Por entre soledades e canções,
Vou, passo por mim, com se a vida
(Minha) fosse e não fosse corações.

Oh! Quanta humanidade peregrina,
A viver entre bálsamos e orgias,
Sem saber quanto lhe persegue a sina

De trocar aflições por alegrias.
De sentir e viver domei a sanha
No amor que me alimenta e me acompanha.

(Salvador, manhã de 23 de março de 2015).